

HORTO

DO CAMPO GRANDE MAGAZINE

ANO XV | NÚMERO 17 | 2011 | P.V.P. €7



CENTENÁRIO DO INST. SUPERIOR AGRONOMIA

Entrevista com Joaquim Silveira | CRIL: a operacionalidade da rede viária
Cascade Resort | Devolver valor à sociedade



FOTOS: Miguel Serradas Duarte



Centenário do Instituto Superior de Agronomia

Uma viagem no tempo e no espaço

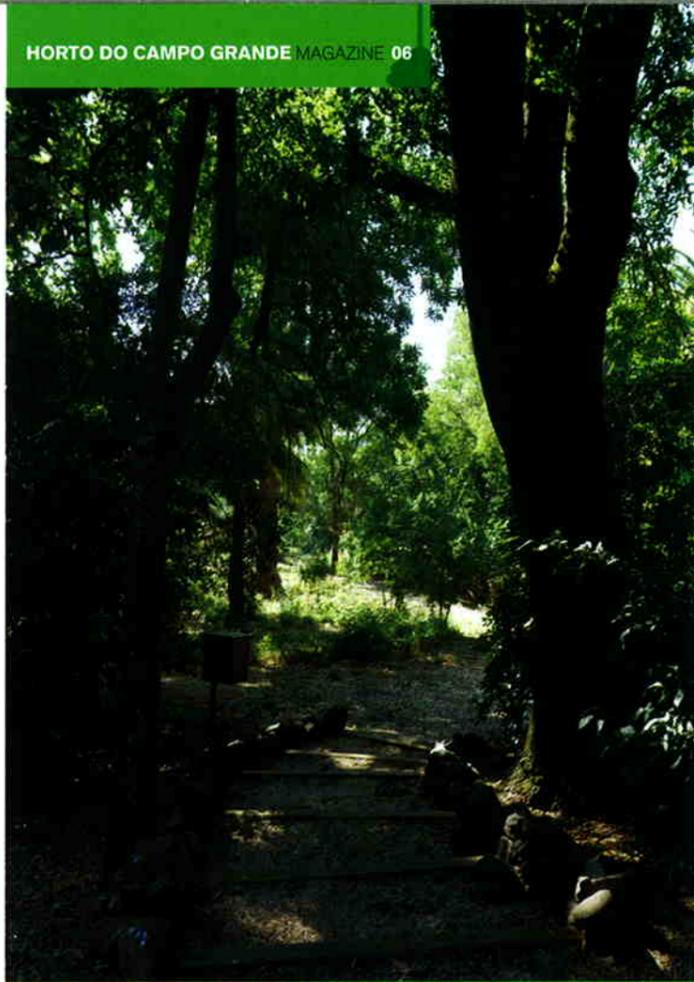
Ao celebrar um século de existência, o ISA faz um balanço do passado e constrói pontes para o futuro. O número redondo foi pretexto para um extenso programa de actividades e para um enriquecedor passeio pela história e pelo património desta escola única, no centro de Lisboa.

As origens do Instituto Superior de Agronomia (ISA) remontam ao reinado de D. Maria II, com a criação do Instituto Agrícola e Escola Regional de Lisboa, no lugar da Cruz do Taboado, actual Rua Gomes Freire.

Dos três graus de ensino então estabelecidos pela lei de 1852, o terceiro "Ensino Superior e Científico", destinava-se "principalmente a agrónomos, habilitados a dirigir as grandes explorações agrícolas". Com o objectivo de aperfeiçoar e desenvolver a agricultura, o curso tinha 4 anos e era composto de sete cadeiras. Nas décadas seguintes, a instituição sofreu várias alterações ao nível de estrutura e designação: em 1864 juntou-se à Escola Veterinária Militar criando o Instituto Geral da Agricultura, e passou a denominar-se Instituto de Agronomia e Veterinária pela reforma de Emídio Navarro, em 1886.

Só após a implementação da República, quando as áreas da agronomia e da veterinária voltam a ocupar instituições diferenciadas, nasceu oficialmente o Instituto Superior de Agronomia (ISA), que passava a ocupar o actual edifício na Tapada da Ajuda, em 1917.



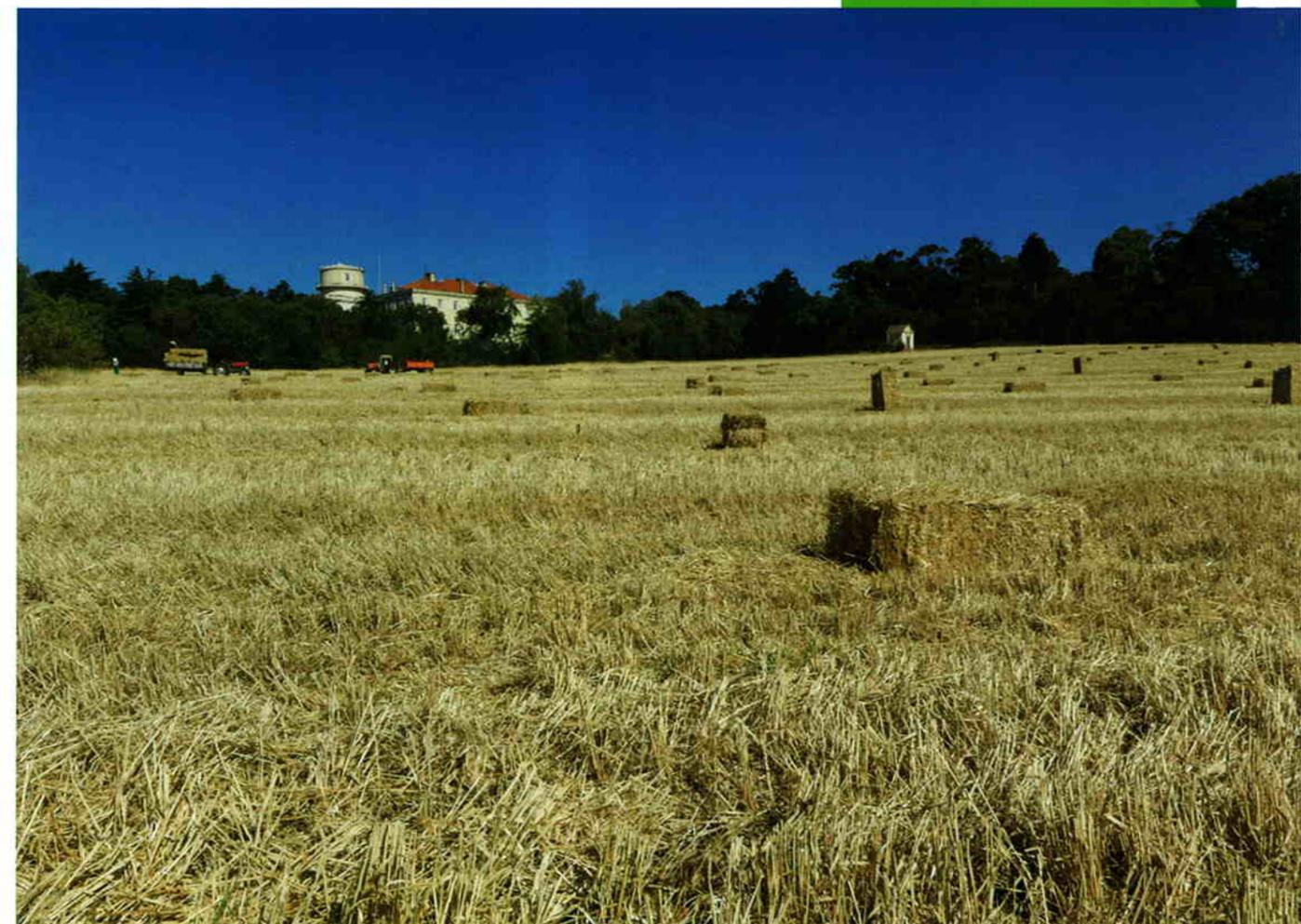
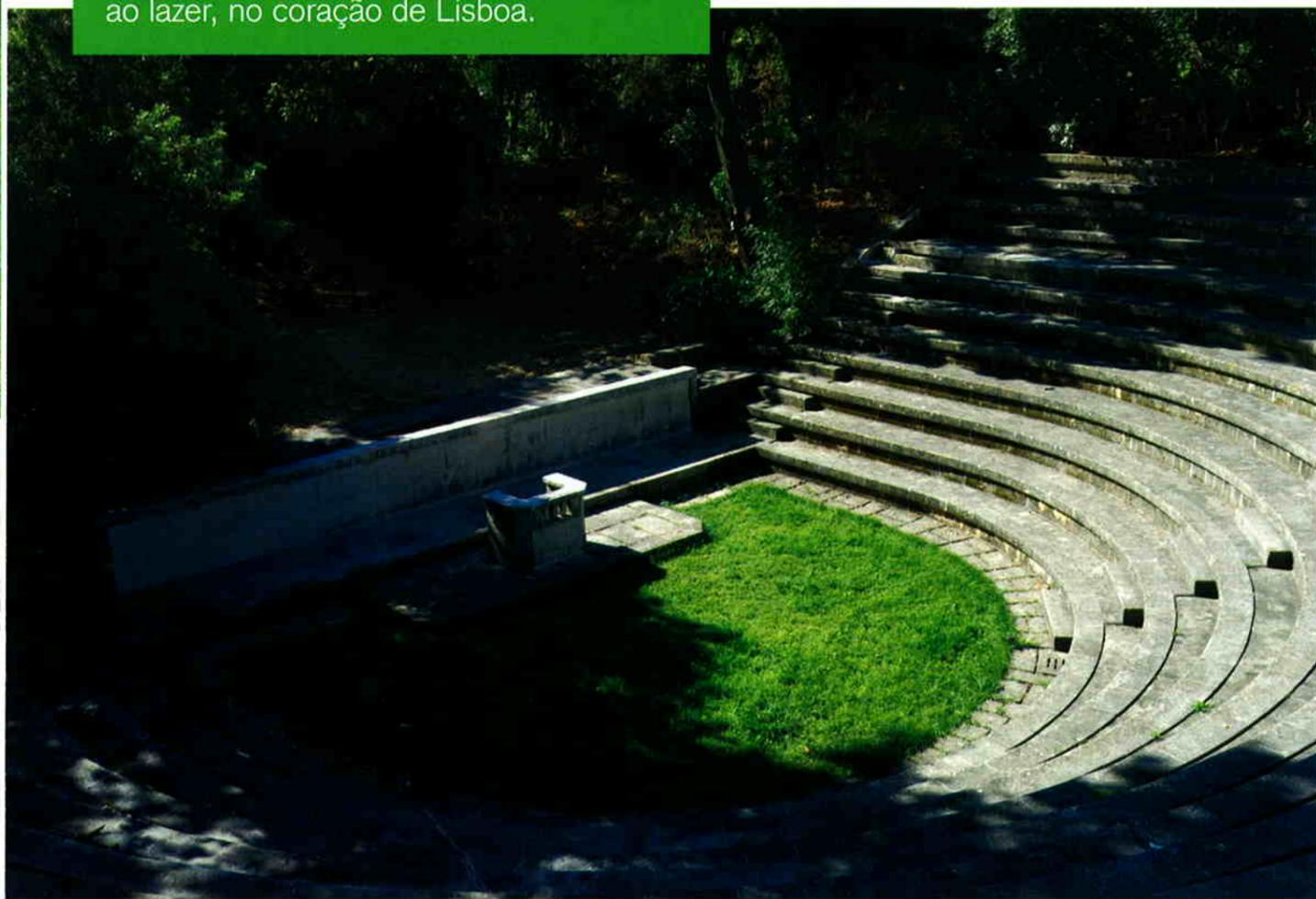


Para além de albergar o ISA, a Tapada da Ajuda é um lugar único que convida ao lazer, no coração de Lisboa.

Os planos de estudos foram alargados e instituídos os títulos de Engenheiro Agrónomo e Engenheiro Silvicultor, mas seria ainda preciso aguardar 3 décadas para a chegada do curso livre de Arquitectura Paisagista. Esta aconteceu em 1942, pela mão de Francisco Caldeira Cabral, após a sua formação na área pela Universidade de Berlim, dando assim início a uma nova profissão até então inexistente em Portugal.

De modo a acompanhar a evolução das disciplinas e as exigências do mercado, os planos curriculares têm sido objecto de alterações profundas até aos nossos dias. Hoje, no que se refere apenas a licenciaturas, à Arquitectura Paisagista, Engenharia Agronómica, Engenharia Florestal e dos Recursos Naturais, juntam-se ainda a Biologia e as Engenharias Alimentar, do Ambiente e Zootécnica.

A esta actualização no ensino acrescenta-se a aposta na investigação e na ligação ao mundo empresarial. A instituição detém a liderança científica e tecnológica em áreas como as Alterações Climáticas, a Protecção do Ambiente e a Gestão dos Recursos Naturais e integra no seu campus uma incubadora de empresas de base científica e tecnológica. Criada em 2005, a INOVISA assume-se como uma plataforma potenciadora de sinergias entre a universidade e as empresas, apoiando o espírito empreendedor, para que da teoria se passe à prática.



De lugar de caça, a espaço de ensino

Obra de D. João IV, a Real Tapada da Ajuda, hoje Tapada da Ajuda, teve como primeira função o exercício e o recreio das caçadas reais.

Após a extinção da actividade, investiu-se com maior insistência na pastorícia e exploração de gado bovino, ovino e suíno e no cultivo das terras. A Tapada assegurava assim o fornecimento de inúmeros produtos alimentares e matérias-primas para consumo interno e até para exportação. Daqui saíam toneladas de madeiras, lenhas, mato e carvão; canadas de leite, natas, manteiga; carne, peles e lãs de animais; palha e forragem para a alimentação destes; azeite para consumo alimentar e iluminação e toneladas de cereais, hortícolas e fruta.

Hoje, para além de albergar o ISA e a sua rede de infra-estruturas destinadas a otimizar a aprendizagem teórica e prática das matérias leccionadas, a Tapada da Ajuda continua a ser um lugar único que convida ao lazer e proporciona um cenário original para a realização de eventos diversos, no coração de Lisboa.

Os muros altos escondem um espaço de 100 hectares, o equivalente a 100 campos de futebol, compreendido entre a Calçada da Ajuda e o Parque Florestal de Monsanto. Passado o portão, o visitante depara-se com um lugar único e surpreendente, o que decerto o leva a sentir-se no campo, em plena capital. Ao elevado valor botânico e ambiental que aqui se encontra, acrescenta-se a riqueza do património histórico e arquitectónico. Tudo pronto a ser revelado num agradável passeio, podendo optar por uma visita guiada ao longo de um de três percursos à escolha.



Depois de ter servido de cenário para caça, a Real Tapada da Ajuda assegurou o fornecimento de inúmeros produtos alimentares e matérias-primas. Hoje, a actividade agrícola mantém-se.



Um espaço único a descobrir

As vinhas e pomares dão as boas-vindas a quem chega. O edifício do ISA, projectado pelo arquitecto Adães Bermudes, apresenta-se imponente no topo da colina. Depois de admirada a construção, sem esquecer uma visita aos claustros, o passeio pode seguir com passagem no Auditório da Pedra, obra com estrutura de anfiteatro romano, desenhada por Francisco Caldeira Cabral e muito procurada pelos estudantes para tranquilos momentos de descontração. O lazer dá lugar ao estudo e à investigação, no Observatório Astronómico de Lisboa, imaginado pelo astrónomo francês Faye e aqui construído em 1850, por este considerar o local "o único em todo o continente europeu em que a luz zenital pode encontrar a maravilhosa estrela Argelander" (Botelho, 1961, cit in Cardoso, 1992). Património mundial da astrometria do séc. XIX, o lugar continua a ser cenário para visitas guiadas, *workshops* e observações, em iniciativas muito participadas como a Astronomia de Verão, no âmbito do programa Ciência Viva.



Seguindo por entre jardins, como o da Rainha ou o da Parada, a próxima paragem pode acontecer no Pavilhão de Exposições, estrutura em ferro e vidro, inspirada no desaparecido Palácio do Trocadero em Paris e edificada em 1884 pelo Arquitecto Pedro d'Avilla, para a realização da III Exposição Agrícola de Lisboa. Verdadeiro ex-libris da Tapada, continua a apresentar-se como palco privilegiado para actividades e eventos vários.

Caminhando um pouco mais até ao Miradouro, descobre-se uma vista ímpar sobre a cidade e o rio, num horizonte que pode estender-se até à Serra de Arrábida, a contemplar num silêncio raro.

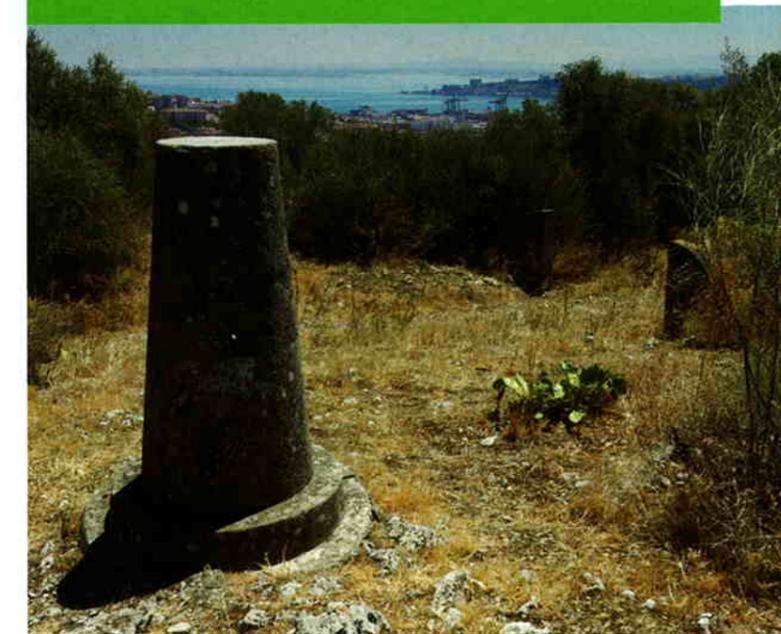
Mesmo ao lado, a 135 metros de altitude, situa-se um dos marcos geodésicos mais antigos do país e um importantíssimo monumento natural: a reserva botânica D. António Xavier Pereira Coutinho, que inclui numerosos zambujeiros, importante espécie de oliveira brava.

O percurso continua, por entre a natureza ímpar e as infra-estruturas destinadas a actividades culturais e desportivas, ao som dos pássaros e às vezes com direito ao avistar de esquilos e lebres.

Pelo caminho, é natural que os pés peçam repouso. O merecido descanso pode ser encontrado num convidativo banco – o banco de Junot – onde, reza a história, o general francês instalado no Palácio Nacional da Ajuda durante as invasões, vinha sentar-se para apreciar o por-do-sol na barra do Tejo. Um exemplo a seguir...



Por entre a natureza, descobrem-se recantos únicos. O banco de Junot convida a uma pausa no passeio e o miradouro dá a conhecer uma vista ímpar sobre a cidade e o rio.



Um século de história para celebrar

Cem anos guardam muita história, abrem portas para o futuro e não se comemoram com frequência. Por isso, o ISA decidiu assinalar a marca centenária com um vasto calendário de actividades, realizado ao longo do ano lectivo 2010/2011, com a participação de professores e alunos (actuais e antigos), bem como parceiros públicos e privados. A Agricultura e os Territórios, a Vinha e o Vinho, a Tapada da Ajuda, a Gastronomia e as Florestas foram tema de debates e exposições, bem como do lançamento e exibição de obras escritas e audiovisuais. Inserida no programa esteve ainda a Festa da Flor, um dos pontos altos da celebração e a oportunidade do Horto do Campo Grande se juntar à festa e de dar os parabéns à instituição. De 5 a 8 de Maio, o Pavilhão de Exposições foi palco de exibição e venda de flores, plantas e artigos de jardinagem. Um autêntico jardim dentro de um parque botânico sem igual.



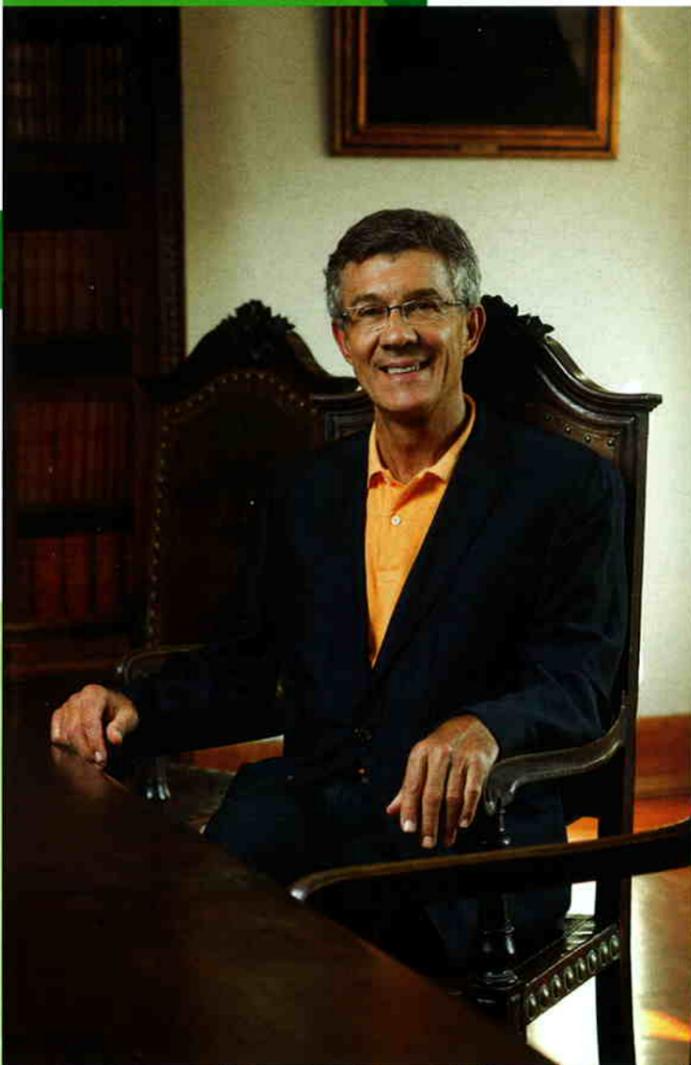
Edificado em 1884 pelo Arquitecto Pedro d'Avilla, o Pavilhão de Exposições continua a apresentar-se como palco privilegiado para actividades e eventos vários.



Os muros altos escondem um espaço de 100 hectares, o equivalente a 100 campos de futebol.

Passado o portão, o visitante depara-se com um lugar surpreendente, que o leva a sentir-se no campo, em plena capital.





Prof. Carlos Noéme

Presidente do Instituto Superior de Agronomia

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: O Instituto Superior de Agronomia tem sido um motor de desenvolvimento nas áreas agrónomica, alimentar, paisagista e ambiental, em Portugal. Que tendências e que desafios se apresentam ao ISA no futuro que se perspectiva?

CARLOS NOÉME: Estes são sectores que ainda podem crescer em Portugal. O grande desafio, a nível interno, é o de sermos capazes de garantir um processo de transferência de tecnologia para que as nossas empresas possam beneficiar do progresso científico que o ISA tem feito nos últimos tempos. As novas tendências são claramente as da internacionalização. A Universidade internacionaliza-se por receber Professores e Estudantes de todo o mundo, mas também por estar presente em vários espaços internacionais. Estamos a fazer uma aposta de internacionalização, começando no espaço da lusofonia nas nossas áreas, muito carentes em algumas dessas regiões.

H.C.G.M.: Como caracteriza a relação do Instituto com a sociedade, nomeadamente ao nível das parcerias que estabelece com instituições, empresas e ex-alunos?

C.N.: Temos no ISA uma incubadora de empresas de base científica e tecnológica (INOVISA). A INOVISA tem sido o nosso instrumento privilegiado de ligação às empresas, embora não se esgote aí.

Um olhar 360°

O património e a actividade do ISA nas suas várias valências exige uma gestão complexa. Presidente e vice-presidentes, membros do conselho de gestão, falamos dos desafios e das respostas da instituição, enquanto escola, parceiro da comunidade e motor de inovação.

A propósito do centenário do ISA, comemorado no ano 2010/2011, avançámos com a criação do ALUMNI ISA, que tem já definido um programa de actividades muito interessante, no sentido de trazer os antigos alunos ao ISA. A nossa filosofia não é só a de trazer antigos alunos ao ISA numa base da saudade, mas fazer programas conjuntos e parcerias concretas. Por exemplo, em Novembro realizaremos uma iniciativa com os ALUMNI em que os antigos alunos farão uma apresentação das suas empresas para a comunidade dos nossos actuais alunos, com o objectivo de os desafiar para uma iniciativa de empreendedorismo, facilitando e fornecendo condições para que eles criem a sua própria spin off ou start up no espaço da própria INOVISA, com o apoio tecnológico e científico do ISA. Também desenvolveremos a assinatura de protocolos de cooperação com as empresas dos antigos alunos ou onde eles actualmente trabalham, reforçando a ligação que já temos com muitas empresas do tecido económico das nossas áreas.

Prof. Luís Mira

Presidente da INOVISA

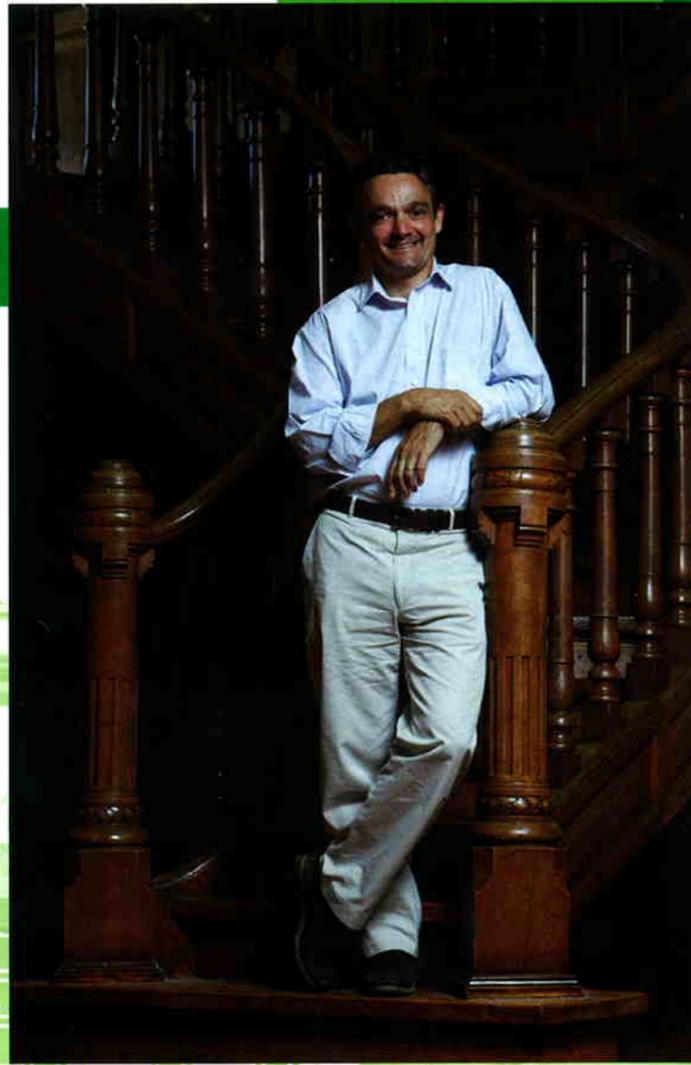
Vice-Presidente do Instituto Superior de Agronomia Universidade Técnica de Lisboa

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: À promoção de um ensino de qualidade, o Instituto Superior de Agronomia tem acrescentado uma atitude de abertura ao mundo empresarial. De que modo se tem estabelecido esta ligação entre o instituto e as empresas?

LUÍS MIRA: O Instituto fez há seis anos uma aposta forte na criação de uma incubadora de empresas de base tecnológica, que funciona também como unidade de transferência de tecnologia. Esta aposta tem dado resultados acima das expectativas que tínhamos previsto inicialmente. Neste momento existem já 17 empresas incubadas e têm sido inúmeras as ligações e projectos desenvolvidos neste âmbito. Mas o reforço da ligação à sociedade, e às empresas, acontece hoje em dia de forma transversal e abrangente, por exemplo, na maior parte dos projectos de investigação desenvolvidos no Instituto Superior de Agronomia. É uma dinâmica que iniciámos e que tenderá a acentuar-se nos próximos anos.

H.C.G.M.: A criação, em 2005, da INOVISA, reflecte um claro apoio da instituição ao empreendedorismo dos alunos e da sociedade. Que balanço faz destes seis anos de actividade e que resultados têm atingido?

L.M.: Como referi, existem já 17 empresas na INOVISA. Isto não acontece por acaso. Acontece porque existe toda uma estratégia de apoio ao empreendedorismo, que começa ao nível da formação, nas licenciaturas e mestrados, e continua no apoio que damos aos alunos graduados, recém licenciados e investigadores que vêm à INOVISA à procura de apoio para a cria-



ção de uma empresa. Os resultados reflectem-se essencialmente a três níveis. Na criação de emprego qualificado, com o conseqüente desenvolvimento económico e social, no apoio que estas empresas (de base tecnológica ou de serviços qualificados) prestam a outras empresas do sector, e na dinâmica de ideias e projectos que nascem do seio destas empresas, e que acabam por promover a utilização do conhecimento e tecnologia que estão disponíveis no Instituto Superior de Agronomia.

H.C.G.M.: A tudo isto soma-se a aposta em Investigação & Desenvolvimento, que se traduz na liderança de vários projectos, nacionais e internacionais, com um número crescente de patentes registadas. Que exemplos pode destacar nesta área?

L.M.: Existem vários projectos, nacionais e internacionais, que o Instituto coordena e que se destacam pelo carácter inovador e pela liderança nas suas áreas de actuação. Na Inovisa, por exemplo, desenvolvemos um projecto para uma rede de transferência de tecnologia – a Rede Inovar – que junta as instituições de referência nacionais na área agrícola, agro-alimentar e florestal. Temos também vários projectos internacionais na área do empreendedorismo e da transferência de tecnologia, nomeadamente com países europeus e com países de língua portuguesa. Ao nível da investigação que se faz no Instituto é impossível destacar um projecto. Não existe praticamente nenhuma área de actuação em que não exista um projecto de referência a nível nacional ou internacional.



Prof.ª Helena Oliveira

Vice-Presidente do Instituto Superior de Agronomia (responsável pela área Académica, Pedagógica e Científica)

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: Como interpreta, em traços gerais, a evolução teórica e prática das áreas ministradas pelo ISA, ao longo destes 100 anos de existência da instituição?

HELENA OLIVEIRA: O ISA, desde a sua criação, tem assumido um papel de motor de desenvolvimento na área das Ciências Agrárias e Florestais, contribuindo decisivamente para a introdução de novas tecnologias destinadas a aumentar e melhorar a produção agrícola e florestal e os seus produtos e a fomentar o bem-estar das populações no mundo rural. A evolução das áreas ministradas no ISA, ao longo destes 100 anos é um pouco reflexo desta condição e da necessidade de dar resposta a novos desafios. Na primeira metade do séc. XX, a par dos cursos de Engenheiro Agrónomo e Silvicultor, houve necessidade de abrir o ensino à área Tropical e à Arquitectura Paisagista. Na década de 50, o curso de Agronomia diferencia-se em quatro ramos: Agro-Pecuária, Fitopatologia, Economia Agrária e Agro-Indústrias. Com a reforma de 79 o ISA passa a leccionar quatro licenciaturas: Engenharia Agronómica, Florestal, Agro-Industrial e Arquitectura Paisagista, mantendo contudo o ensino na área Tropical. Mais recentemente, são criadas as Licenciaturas em Engenharia Zootécnica, Engenharia do Ambiente e Biologia. Estas alterações surgem, por um lado, como resposta às políticas e às necessidades do país e, por outro, como consequência da evolução da ciência e da

tecnologia a nível global. Mas, talvez, a reforma mais marcante que o ISA e o Ensino Superior sofreram em Portugal tenha sido a decorrente do Processo de Bolonha. Com Bolonha muda-se o paradigma do ensino, outrora centrado na transmissão de conhecimento, hoje focado sobretudo no desenvolvimento das competências dos estudantes, incluindo as de natureza mais transversal. Adopta-se um sistema assente essencialmente em dois ciclos de estudos (licenciatura e mestrado) que poderá evoluir para um terceiro, o doutoramento. Também os graus académicos passam a ser comparáveis no espaço europeu, através da atribuição de um sistema de transferência e de acumulação de créditos (ECTS). Deu-se, de facto, um passo decisivo para a internacionalização do ensino, pela facilidade com que qualquer estudante (e/ou docente) hoje em dia se move no espaço europeu.

H.C.G.M.: Num tempo marcado por mudanças velozes e por uma competitividade feroz, como se assegura a actualidade e a posição de referência da escola, aos níveis académico, pedagógico e científico?

H.O.: O ISA possui um corpo docente altamente qualificado e que desenvolve actividade científica e de desenvolvimento tecnológico reconhecidos nacional e internacionalmente. Existe igualmente um grande envolvimento por parte dos docentes e investigadores do ISA com a sociedade em geral, consubstanciado em inúmeras acções de prestação de serviços e de consultoria, contribuindo para o aumento da competitividade das empresas. O ensino que se pratica hoje em dia é, pois, centrado na investigação e no conhecimento da realidade à escala mundial e do país, em particular. Incentivam-se igualmente os estudantes, desde cedo, a participarem na investigação que se faz ao nível das Unidades de Investigação, ou nas actividades de desenvolvimento praticadas pelas Unidades de Apoio Tecnológico, ambas sediadas no ISA. Fomenta-se também a mobilidade dos estudantes ao longo dos cursos de licenciatura e de mestrado. Esta mobilidade pode realizar-se em contexto académico e/ou profissional, em Portugal e no estrangeiro. Há, por conseguinte, uma complementaridade muito forte entre a investigação, o desenvolvimento tecnológico e o ensino que assegura uma permanente actualização dos docentes e estudantes, o que lhes permite a aquisição de novas competências e a abertura de novos horizontes necessárias para enfrentar a crescente competitividade à escala global.



Prof.ª Ana Luísa Soares

Vice-Presidente do Instituto Superior de Agronomia (responsável pelo Património)

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: A localização, a envolvimento e as infra-estruturas fazem do ISA um local privilegiado para inúmeras iniciativas. Como tem funcionado essa vertente de dinamização e usufruto do espaço, tanto a nível interno, como externo?

ANA LUÍSA: A Tapada da Ajuda, com os seus quase 400 anos de existência, apresenta um vasto património natural, cultural, histórico, arquitectónico e paisagístico, inclui nos seus domínios zonas de agricultura bem como de matas e jardins. A tapada é um parque botânico privilegiado para inúmeras iniciativas onde se concilia o ensino e a investigação com o recreio, educação ambiental, lazer e conservação da natureza.

Ao nível interno a Tapada, para além de espaço de recreio e lazer, proporciona aos nossos alunos aulas práticas onde podem pôr "as mãos na terra" nas diversas áreas de ensino que o ISA oferece. Apoiamos também iniciativas dos nossos alunos, como por exemplo, este ano com a criação do "Solidarisa" que é um projecto de solidariedade social, que tem como objectivo doar alimentos ou dinheiro resultante de actividades agrícolas para o Banco Alimentar Contra a Fome e onde são promotores o Instituto Superior de Agronomia, a federação dos Bancos Alimentares Contra a Fome, o Banco Santander Totta, SA, alunos, professores, funcionários, núcleos de estudantes do ISA e empresas. O "Solidarisa" funciona também como actividade escolar, permitindo aos alunos colocarem em prática as matérias leccionadas no âmbito das licenciaturas.

Ao nível externo a Tapada tem as suas portas abertas e todos são bem vindos e convidados a passear e usufruir deste espaço onde dentro da cidade se sente o campo!

A Tapada oferece diversas actividades desportivas (como o Râguebi e futebol), visitas guiadas, realização de eventos no Pavilhão de Exposições, no restaurante a Pateira, no Auditório da Lagoa Branca, no Anfiteatro de Pedra, no Parque de Merendas (Jardim da Parada) e no Jardim Botânico da Ajuda. Procuramos também estabelecer parcerias/colaborações com outras instituições, como por exemplo: em 2005 com a Associação da Indústria Papeleira (CELPA) através da instalação do arboreto de eucaliptos, para produção de folhas para alimentação dos coalas do Jardim Zoológico de Lisboa; em 2008 com a GALP na criação de um campo pedagógico dedicado às plantas bioenergéticas; e este ano com a Maltibérica onde a "Terra Grande" acolheu a realização de um ensaio de variedades de cevada dística.

H.C.G.M.: O património arquitectónico e natural da Instituição é riquíssimo, exigindo decerto um grande trabalho de manutenção e recuperação. Que intervenções destaca a este nível?

A.L.: Temos de facto um património arquitectónico e paisagístico muito rico que certamente requer um exigente trabalho de gestão e manutenção pois diariamente é crucial assegurar a sua limpeza e manutenção para o bom funcionamento do ISA. Quanto a obras de recuperação recentes destacamos as intervenções que estamos a realizar no Edifício Principal, no Pavilhão de Exposições, na melhoria dos pavimentos exteriores e na iluminação exterior bem como na reorganização e requalificação dos espaços exteriores da Tapada.

O testemunho dos nossos profissionais

O Instituto Superior de Agronomia foi também a escola de muitos dos profissionais do Grupo Horto do Campo Grande, que recordam aqui os seus tempos de estudantes e a aprendizagem feita nesta instituição centenária.



Ana Maria Clemente

Arquitecta Paisagista
Teleflora

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: Qual é o seu espaço preferido no ISA e porquê?

ANA MARIA CLEMENTE: Quando entrei para o ISA como estudante, já conhecia os cantos à casa. Tinha feito um trabalho de verão no herbário, talvez por isso recorde este local com grande fascínio. Na altura a funcionar no edifício principal, era um espaço relativamente pequeno, mas com armários de alto a baixo e centenas de gavetas onde estavam guardadas as plantas secas, organizadas por famílias. Para além do espaço, recorro às pessoas que o habitavam: os investigadores em Botânica, que terão certamente contribuído para o meu gosto pelas plantas.

H.C.G.M.: Que pessoa mais a marcou na sua passagem pelo instituto?

A.M.C.: De entre o corpo docente do ISA, destaco o Professor Franco, autor da Flora de Portugal. Do meu departamento de Arquitectura Paisagista e embora só me tenha dado uma cadeira, lembro o Professor Convidado Jacinto Rodrigues, da universidade do Porto, pela sua visão transdisciplinar do mundo que nos rodeia.

H.C.G.M.: Que momento especial recorda com mais saudade ou gostaria de destacar?

A.M.C.: O primeiro ano foi para mim sem dúvida o mais marcante. O entrar para o meio universitário é talvez a maior alteração da vida de um estudante. E nesse ano de calouira, claro que a semana académica foi o auge.

H.C.G.M.: Qual a lição mais valiosa que aprendeu no ISA e que ainda hoje põe em prática?

A.M.C.: Considero o que qualquer curso superior nos dá, melhor ou pior, são as ferramentas-base, para que, na nossa vida profissional, consigamos resolver as diferentes situações que vão surgindo. Ensinou-me ainda a manter a curiosidade e a humildade suficientes para aprender, sempre e com quem quer que seja.



Ana Prista e Silva

Eng.ª Agrónoma
Ramo Fitotécnia
Teleflora

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: Qual é o seu espaço preferido no ISA e porquê?

ANA PRISTA E SILVA: O anfiteatro de pedra, que deixa recordações de um refúgio no centro da agitação de vida de estudante.

H.C.G.M.: Que pessoa mais a marcou na sua passagem pelo instituto?

A.P.S.: As amigas que ainda hoje perduram, bem como o apoio de alguns professores, como o Prof. Campos, o Prof. Pimentel e o Prof. António Monteiro.

H.C.G.M.: Que momento especial recorda com mais saudade ou gostaria de destacar?

A.P.S.: As visitas de estudo de 2 e 3 dias por terras portuguesas e o estágio curricular que marca a entrada "no mundo real".

H.C.G.M.: Qual a lição mais valiosa que aprendeu no ISA e que ainda hoje põe em prática?

A.P.S.: A carga teórica ministrada em Agronomia apresenta depois em contexto real de trabalho mais-valias que ainda hoje são aplicadas na minha actividade diária.



Inês Oliveira

Arquitecta Paisagista
Responsável pelo
Projecto Flowerbox
Horto do Campo Grande

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: Qual é o seu espaço preferido no ISA e porquê?

INÊS OLIVEIRA: De entre os vários espaços, escolho o Pavilhão de Exposições, para mim um local mágico.

H.C.G.M.: Que pessoa mais a marcou na sua passagem pelo instituto?

I.O.: Várias pessoas me marcaram ao longo da minha passagem pelo ISA, mas destaco a Prof.ª Dr.ª Maria Manuela Abreu que, com muita paciência e muito carinho, me acompanhou no trabalho final de curso.

H.C.G.M.: Que momento especial recorda com mais saudade ou gostaria de destacar?

I.O.: O primeiro ano da faculdade foi inesquecível.

H.C.G.M.: Qual a lição mais valiosa que aprendeu no ISA e que ainda hoje põe em prática?

I.O.: O respeito pela natureza.



Filipe Santos

Eng.º Agrónomo
Ramo Engenharia Rural
Teleflora

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: Qual é o seu espaço preferido no ISA e porquê?

FILIPE SANTOS: A biblioteca antiga e o claustro central do edifício principal devido à simbologia que carrega e à sua singularidade.

H.C.G.M.: Que pessoa mais o marcou na sua passagem pelo instituto?

F.S.: Foram várias as pessoas que marcaram a minha passagem pelo ISA. São boas recordações que guardo, pois os percursos e as ligações vão-se desvanecendo. No entanto continuo a descobrir novos amigos e amigos comuns que têm em comum terem tirado o curso no ISA e isso pode ser um forte elo.

H.C.G.M.: Que momento especial recorda com mais saudade ou gostaria de destacar?

F.S.: Existem vários momentos, não consigo destacar nenhum em especial.

H.C.G.M.: Qual a lição mais valiosa que aprendeu no ISA e que ainda hoje põe em prática?

F.S.: Nunca desistir de atingir um objectivo, mesmo que tropeçemos pelo caminho.



Joaquim Silveira

Eng.º Agrónomo
Director-Geral
Horto do Campo Grande

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: Qual é o seu espaço preferido no ISA e porquê?

JOAQUIM SILVEIRA: O bar.

H.C.G.M.: Que pessoa mais o marcou na sua passagem pelo instituto?

J.S.: Fiz um grande grupo de amigos que mantenho até aos dias de hoje... não esquecendo a Professora Ana Mesquita, das matemáticas, que era um espectáculo.

H.C.G.M.: Que momento especial recorda com mais saudade ou gostaria de destacar?

J.S.: Os magustos.

H.C.G.M.: Qual a lição mais valiosa que aprendeu no ISA e que ainda hoje põe em prática?

J.S.: O trabalho compensa, é uma excelente forma para se atingir os nossos objectivos. Quando nos esforçamos, estudamos e trabalhamos, o resultado é sempre positivo.



Mário Miguel

Eng.º Agrónomo
Departamento de Manutenção
de Espaços Verdes
Horto do Campo Grande

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: Qual é o seu espaço preferido no ISA e porquê?

MÁRIO MIGUEL: O anfiteatro ao ar livre.

H.C.G.M.: Que pessoa mais o marcou na sua passagem pelo instituto?

M.M.: Além de alguns amigos que que ainda mantenho, sempre gostei muito do Prof. Campos e das suas aulas de Bioquímica, isto apesar destas decorrerem depois do almoço, com todos os "acidentes" que daí podem advir...

H.C.G.M.: Que momento especial recorda com mais saudade ou gostaria de destacar?

M.M.: Não tenho um momento particular de recordação. É um conjunto de elementos que faz do Instituto um local tão agradável de recordar. Nenhuma outra Faculdade é rodeada por um espaço tão bonito, com tanta história para contar. Além disso, o ambiente existente entre as pessoas, no período em que fui aluno, era realmente diferente.

H.C.G.M.: Qual a lição mais valiosa que aprendeu no ISA e que ainda hoje põe em prática?

M.M.: "A vida de estudante é que é boa. Começa a trabalhar o mais tarde possível, depois já é muito difícil voltares atrás ;)"



Vasco Pyrrait

Eng.º Florestal
Teleflora

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: Qual é o seu espaço preferido no ISA e porquê?

VASCO PYRRAIT: O bar do Paulo.

H.C.G.M.: Que pessoa mais o marcou na sua passagem pelo instituto?

V.P.: O Professor Luís Campos e a Professora Margarida Tomé.

H.C.G.M.: Que momento especial recorda com mais saudade ou gostaria de destacar?

V.P.: Alguns fins de tarde com cantorias e fadestices.

H.C.G.M.: Qual a lição mais valiosa que aprendeu no ISA e que ainda hoje põe em prática?

V.P.: Na vida tem que haver tempo para tudo!



Mário Oliveira

Eng.º Agrónomo
Responsável pelo Departamento
de Fitosanidade e Produção/Viveiro
Horto do Campo Grande

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: Qual é o seu espaço preferido no ISA e porquê?

MÁRIO OLIVEIRA: Tenho vários espaços marcantes. Lembro-me por exemplo da antiga biblioteca e de ter ficado impressionado com o espaço, a luz e o equipamento, quando nela entrei pela primeira vez. Recordo também o miradouro, junto à rotunda ao cimo da "avenida" ladeada pelas oliveiras, de onde se tem uma vista espectacular do rio.

Actualmente posso dizer que o pátio do edifício principal, com o "famoso" Quercus faginea, é um lugar marcante, pelas recordações de tantos bons momentos (jogos matraquilhos, conversas entre o bar e a associação de estudantes, a sala de actos, etc). O pavilhão de exposições, recuperado durante a minha passagem pela instituição, também é um lugar especial, onde foi realizado baile de finalistas.

H.C.G.M.: Que pessoa mais o marcou na sua passagem pelo instituto?

M.O.: A minha esposa, que foi minha colega no 4º e no 5º anos, e um professor de Horticultura e Arboricultura, que tinha uma abordagem das aulas no mínimo invulgar, mas uma bagagem técnica e cultural enorme.

H.C.G.M.: Que momento especial recorda com mais saudade ou gostaria de destacar?

M.O.: Acho que não consigo identifica-lo com rigor, existem momentos marcantes como foram várias etapas na carreira académica, recordo especialmente o segundo ano. O trabalho de planeamento no terceiro ano que implicou uma redução substancial das férias de verão, mas talvez uns dos momentos mais marcantes aconteceram nas famosas semanas académicas com os desfiles pela cidade, etc..

H.C.G.M.: Qual a lição mais valiosa que aprendeu no ISA e que ainda hoje põe em prática?

M.O.: Que aprendi muito, mas ainda tenho muito a aprender, e que para tal é importante ter bom-senso e manter um espírito aberto.



Patrícia Brízida

Arquiteta Paisagista
Departamento de Manutenção
de Espaços Verdes
Horto do Campo Grande



Pureza Norton dos Reis

Arquiteta Paisagista
Integra a equipa
do Centro de Jardinagem
da Quinta da Eira
Horto do Campo Grande

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: Qual é o seu espaço preferido no ISA e porquê?

PUREZA: Tenho dois espaços preferidos: a Abegoaria e o Jardim da Parada. Quem diria que se situam quase no centro da cidade? Não há melhor ambiente para estudar do que o da Tapada da Ajuda!

H.C.G.M.: Que pessoa mais a marcou na sua passagem pelo instituto?

P.: Destaco a Prof.ª Ana Luisa Soares, cujas capacidades pessoais constituem para mim um exemplo. Depois não posso deixar de referir as minhas cinco amigas do coração, que conheci no ISA. Temos entre nós uma amizade eterna, onde a profissão é também um factor de união.

H.C.G.M.: Que momento especial recorda com mais saudade ou gostaria de destacar?

P.: Recordo toda a evolução, do primeiro ao último dia. Na altura todos os momentos eram importantes, fazendo-me crescer como estudante e até à vida profissional. Mas agora de mais longe, destaco o dia da defesa da tese de mestrado, pelo alívio que me fez sentir. Foi uma óptima sensação!

H.C.G.M.: Qual a lição mais valiosa que aprendeu no ISA e que ainda hoje põe em prática?

P.: O famoso ditado "não deixes para amanhã o que podes fazer hoje". Mais vale fazer logo o que se tem a fazer, porque se for deixado para depois custa 10 vezes mais.

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: Qual é o seu espaço preferido no ISA e porquê?

PATRICIA BRÍZIDA: O Pavilhão de Exposições.

H.C.G.M.: Que pessoa mais a marcou na sua passagem pelo instituto?

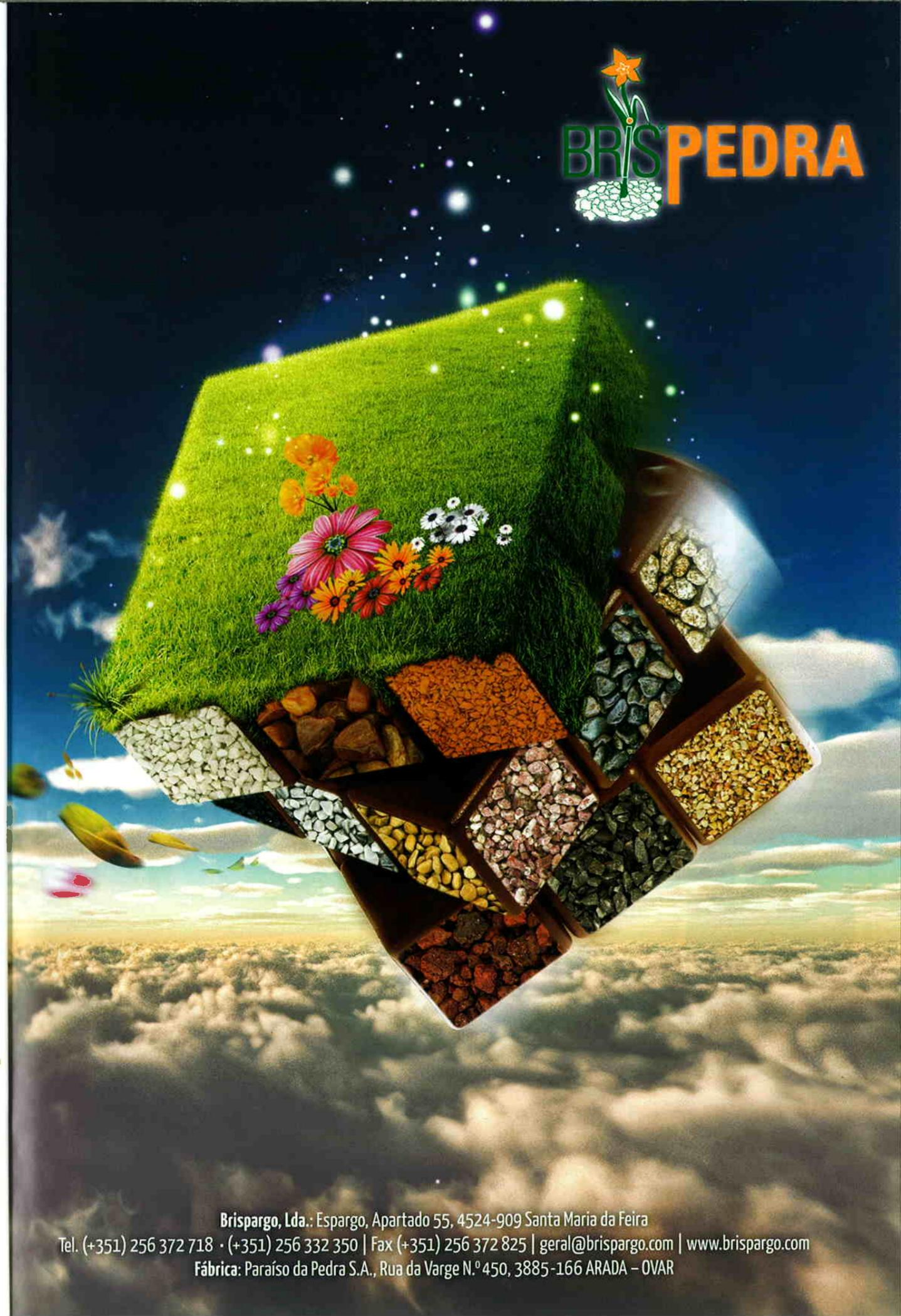
P.B.: A Prof.ª Doutora Ana Luísa Soares.

H.C.G.M.: Que momento especial recorda com mais saudade ou gostaria de destacar?

P.B.: Recordo vários momentos, de entre os quais se destacam os fins de tarde e as noites passadas no ISA, a trabalhar nas cadeiras de projecto.

H.C.G.M.: Qual a lição mais valiosa que aprendeu no ISA e que ainda hoje põe em prática?

P.B.: A importância do trabalho em equipa.



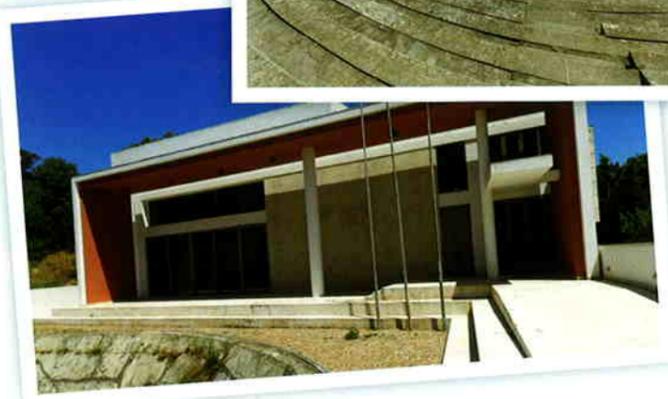
Brispargo, Lda.: Espargo, Apartado 55, 4524-909 Santa Maria da Feira

Tel. (+351) 256 372 718 · (+351) 256 332 350 | Fax (+351) 256 372 825 | geral@brispargo.com | www.brispargo.com

Fábrica: Paraíso da Pedra S.A., Rua da Varge N.º 450, 3885-166 ARADA – OVAR

Os nossos parceiros juntam-se à homenagem

Foram vários os parceiros do Grupo Horto do Campo Grande que não quiseram ficar de fora nesta homenagem ao ISA, testemunhando alguns exemplos da influência desta escola nas suas vidas e percursos profissionais.



Ana Patriarca
Arquitecta Paisagista
e Sócia-Gerente do atelier
TerraMater Paisagismo

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: Qual é o seu espaço preferido no ISA e porquê?

ANA PATRIARCA: Tenho dois espaços favoritos: o pátio central com o "Quercus", incontornável para qualquer aluno do ISA, e o espaço da antiga biblioteca, hoje salão nobre, onde passei muitas horas a estudar.

H.C.G.M.: Que pessoa mais a marcou na sua passagem pelo instituto?

A.P.: Mais uma vez não consigo deixar de referir duas pessoas. Uma é o Prof. Luís Campos, infelizmente já falecido, um homem de grande inteligência, um humanista com um sentido de humor muitíssimo apurado. A outra é a D. Palmira Cunha, antiga secretária da secção autónoma de Arquitectura Paisagista, que prestou um apoio imprescindível aos docentes e que era ao mesmo tempo uma amiga e uma ajuda preciosa na resolução dos problemas dos alunos.

H.C.G.M.: Que momento especial recorda com mais saudade ou gostaria de destacar?

A.P.: Os finais de tarde à conversa com os amigos no pátio do Quercus, no início do Verão. Eram momentos de partilha e despreocupação que dificilmente se repetem.

H.C.G.M.: Qual a lição mais valiosa que aprendeu no ISA e que ainda hoje põe em prática?

A.P.: Dar valor às relações humanas. No ISA tive a sorte de integrar vários grupos e colaborar em múltiplas iniciativas – tuna, conselho pedagógico, revista Campus, etc. – o que me levou a conhecer pessoas que, cada uma à sua maneira, me marcaram de forma indelével e sem as quais a minha formação não ficaria completa.



Boaventura d'Ornelas Afonso

Arquitecto Paisagista,
Sócio e Director Técnico
da EPCA – Estudos,
Projectos e Consultoria
Ambiental, Lda.

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: Qual é o seu espaço preferido no ISA e porquê?

BOAVENTURA D'ORNELAS AFONSO: Tenho mais do que um local de eleição. A antiga biblioteca, no edifício principal, pela sua presença constante ao longo dos meus anos de ISA, é um deles. Trata-se de um espaço muito versátil e multidisciplinar onde estudei e assisti a aulas, apresentações de trabalhos, concertos e exposições de pintura. Para além deste, destaco a própria Tapada da Ajuda, um espaço exterior de excelência que cria uma envolvente singular.

H.C.G.M.: Que pessoa mais o marcou na sua passagem pelo instituto?

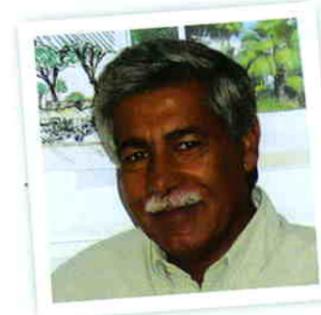
B.O.A.: Foi no ISA que nasceram algumas das minhas melhores amizades e que conheci a minha mulher, Marta e os meus sócios Tiago Moura e Rita Jorge. Em relação ao corpo docente, não posso deixar de referir o Arq.º João Nunes, o Prof. Luís Campos, a Prof. Manuela Abreu e a Prof. Cristina Castel-Branco. Foram pessoas fundamentais para a minha formação científica, profissional e pessoal.

H.C.G.M.: Que momento especial recorda com mais saudade ou gostaria de destacar?

B.O.A.: A apresentação do trabalho final foi sem dúvida o culminar da minha relação com o ISA, mas as próprias rotinas do dia-a-dia deixam-me saudades, em especial o poder usufruir da Tapada da Ajuda e de uma escola com 100 anos de tradição.

H.C.G.M.: Qual a lição mais valiosa que aprendeu no ISA e que ainda hoje põe em prática?

B.O.A.: O rigor, o conhecimento científico e a importância da sustentabilidade, algo que procuro reflectir em todos os meus projectos e no meu modo de actuar enquanto profissional.



Hipólito Bettencourt

Arquitecto Paisagista
e fundador do gabinete HB,
Arquitectura Paisagista, Lda.

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: Qual é o seu espaço preferido no ISA e porquê?

HIPÓLITO BETTENCOURT: Toda a Tapada da Ajuda, um espaço aberto e tranquilo, com uma beleza paisagística única na cidade de Lisboa. Este é um local que convida à contemplação da paisagem, mas, ao mesmo tempo, um espaço insólito no interior da cidade. Uma quinta, um espaço agro-florestal, uma seara com vista para o Tejo e entrada por um portão! Estranho e belo.

H.C.G.M.: Que pessoa mais o marcou na sua passagem pelo instituto?

H.B.: O Professor Lynn Miller, da Universidade da Pennsylvania, um amigo hoje com 80 anos, mas que nos visita com regularidade, e com quem descobri e entendi o que era a arquitectura paisagista, a arte de construir e projectar paisagens. Deu-me as primeiras e melhores aulas de história da arquitectura paisagista e da essência dos conceitos de suporte ao exercício da profissão, do desenho da paisagem, da organização do espaço, e da posição do Homem face à natureza.

H.C.G.M.: Que momento especial recorda com mais saudade ou gostaria de destacar?

H.B.: O primeiro dia de entrada no ISA, pelo portão da "rampa da asneira", e a chegada ao edifício monumental. Uma emoção forte, com vista sobre a cidade, o Tejo e o mar.

H.C.G.M.: Qual a lição mais valiosa que aprendeu no ISA e que ainda hoje põe em prática?

H.B.: Que a arquitectura paisagista é uma arte, um exercício e um desafio de desenho do espaço, com respeito pela cultura, pelo sítio e pela natureza, mas uma intervenção humana, uma impressão sobre o território, de forma livre e libertadora.

José Veludo Sócio-Gerente da NPK, Arquitectos Paisagistas Associados

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: Qual é o seu espaço preferido no ISA e porquê?

JOSÉ VELUDO: Destaco dois: a Lagoa Branca e o miradouro. São lugares bonitos, cenicamente diferentes e foram a área de estudo do meu trabalho final.

H.C.G.M.: Que pessoa mais o marcou na sua passagem pelo instituto?

J.V.: Foram várias as pessoas que me marcaram. Uma boa parte das amizades que mantenho nasceram no ISA.

H.C.G.M.: Que momento especial recorda com mais saudade ou gostaria de destacar?

J.V.: Não tenho saudades, tenho muitas recordações boas, muitas mesmo.

H.C.G.M.: Qual a lição mais valiosa que aprendeu no ISA e que ainda hoje põe em prática?

J.V.: O medo não deixa crescer, uma lição transmitida pela Professora Vanda Viegas.



João Nunes

Professor docente, Arquitecto Paisagista e Director-Geral da PROAP, Estudos e Projectos de Arquitectura Paisagista, Lda.

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: Qual é o seu espaço preferido no ISA e porquê?

JOÃO NUNES: Nos anos 80, quando era estudante, o meu espaço preferido era uma estrada no limite Norte da Tapada, de onde se avistava um campo de cereais muito bonito. Actualmente, o meu lugar preferido é a Terra Grande, uma grande clareira agrícola em frente ao Observatório Astronómico. Quando as aulas de paisagismo eram junto ao Pavilhão de Exposições, eu passava lá no caminho. Ia de bicicleta ou a pé, mas chegando ali abrandava o ritmo, com o gozo do passeio. Às vezes ia aborrecido com alguma coisa ou com alguém e aquele era um momento de reconciliação.

H.C.G.M.: Que pessoa mais o marcou na sua passagem pelo instituto?

J.N.: É difícil indicar uma só... Foi no ISA que conheci a minha primeira mulher e outras pessoas que amei e que marcaram a minha vida. Foi também lá que conheci o Prof. Manuel Silva da Câmara, um homem que me impressionou enquanto estudante, importante na minha carreira e com quem continuo a manter uma grande amizade.

H.C.G.M.: Que momento especial recorda com mais saudade ou gostaria de destacar?

J.N.: Houve um momento, dos meus tempos de estudante, que nunca irei esquecer: a expressão de desilusão do meu professor de Cálculo, perante a descida da minha nota do primeiro para o segundo teste – o 19 inicial deixou-me de tal forma preguiçoso, que me baldei na segunda parte da disciplina. Aprendi muito com aquele olhar. Enquanto professor, recordo um gesto especial: a reunião de um pequeno grupo de alunos para demonstrar a gratidão por aquilo que eu considerava ser o meu trabalho normal. Foi um momento muito feliz, quando se verifica que as relações são cada vez mais marcadas pela indiferença.

H.C.G.M.: Qual a lição mais valiosa que aprendeu no ISA e que ainda hoje põe em prática?

J.N.: Tive aulas extraordinárias de professores excepcionais, que nunca vou esquecer. Percebi o quanto era importante a relação pessoal, a não diluição no anonimato. E retirei grandes lições de amizade.



Luís Ribeiro

Professor docente, Arquitecto Paisagista e Sócio-Fundador da Topiaris, Arquitectura Paisagista

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: Qual é o seu espaço preferido no ISA e porquê?

LUÍS RIBEIRO: O claustro do edifício principal, um espaço de circulação e estadia, encontro e conversa, e que dá acesso a imensos sítios importantes e frequentados no contexto do ISA. Trata-se também de um espaço que apresenta características espaciais e arquitectónicas de elevada qualidade, não estando deturpado. É muito confortável e agradável.

H.C.G.M.: Que pessoa mais o marcou na sua passagem pelo instituto?

L.R.: Ao nível dos docentes, não posso deixar de referir o Arq.º Paisagista Manuel Sousa da Câmara, um homem de visão à frente do seu tempo. Entre os colegas, destaco a minha grande amiga e sócia de atelier Teresa Barão.

H.C.G.M.: Que momento especial recorda com mais saudade ou gostaria de destacar?

L.R.: As conversas pela tarde dentro, com os amigos e professores nas antigas salas de arquitectura paisagista e no claustro do edifício principal...

H.C.G.M.: Qual a lição mais valiosa que aprendeu no ISA e que ainda hoje põe em prática?

L.R.: O valor de uma formação diversificada em conhecimento científico, humanista, técnico e artístico, que recebi nesta escola, que tenho constantemente utilizado na minha vida, prática profissional, e que tento transmitir aos meus alunos.

Luísa Borralho

Arquitecta Paisagista, fundadora do Atelier Luísa Borralho

HORTO DO CAMPO GRANDE MAGAZINE: Qual é o seu espaço preferido no ISA e porquê?

LUÍSA BORRALHO: A própria Tapada da Ajuda, com todos os elementos que a constituem e fazem dela um espaço ímpar e tão inesperado, no interior duma cidade.

H.C.G.M.: Que pessoa mais a marcou na sua passagem pelo instituto?

L.B.: É impossível destacar uma só. Vou deixar de parte os vários colegas que até hoje me acompanham e referir 3 professores: o Arq.º Paisagista Manuel Sousa da Câmara, absolutamente único e que certamente marcou todos aqueles a quem deu aulas; a Arq.ª Paisagista M.ª Antónia Castro e Almeida, com quem tive o prazer de vir depois a trabalhar; o

Arq.º Paisagista José Marques Moreira, grande mestre na área da vegetação.

H.C.G.M.: Que momento especial recorda com mais saudade ou gostaria de destacar?

L.B.: Todos aqueles em que aprendi, em várias áreas... E o convívio com todos os colegas, professores e funcionários.

H.C.G.M.: Qual a lição mais valiosa que aprendeu no ISA e que ainda hoje põe em prática?

L.B.: A interdisciplinaridade, a importância de trabalhar com matéria viva (as plantas) e para seres vivos e a compreensão de que cada projecto é único.



outdoor

tel. 234 639 230
 exporlux@exporlux.pt
 www.exporlux.pt

exporlux